

ORLANDO CALIMAN



As chances de o Espírito Santo apresentar um melhor desempenho econômico em 2014 podem ser consideradas altas

Um ano morno

Faltando dois meses para terminar 2013, já podemos ter uma percepção mais clara de como fechará o ano, seja em âmbito mundial, nacional e estadual. As previsões para 2014 também ficam facilitadas, naturalmente, com uma margem de erro que tende a ser maior, mas dentro do que possibilita a razoabilidade. Mas, fixando o foco em 2013 a impressão que fica é de que foi – ou será – um ano morno.

Sobretudo, um ano morno para o Brasil, fruto da combinação de uma economia que frustrou expectativas com o calor das manifestações das ruas que expressaram desejos insatisfeitos e ânsia por mudanças – dois componentes que estarão presentes no próximo ano com maior intensidade. Isso nos leva a acreditar 2014 será bem mais quente. Nem tanto do lado da economia, que estaria no radar dos desejos de todos nós. Mas, do lado da política e da sociedade. Com esta última, voltando às ruas, aproveitando-se dos desejos de um ano de eleições e da visibilidade externa que lhe proporcionará a Copa do Mundo.

No âmbito global, podemos dizer que 2013 não foi um bom ano. No entanto, é possível identificar algo que aconteceu ou que está em curso que seja interessante e positivo. Nesse aspecto, são

percebidos alguns sinais reativos de reversão de expectativas, especialmente a partir do segundo semestre. E essas reações, embora ainda tímidas, aparecem sobretudo em economias como a chinesa e americana. No caso da China, os sinais apontam para um “pouso suave” para um patamar de crescimento administrável internamente e suportado externamente. No conjunto, não estamos observando uma situação de frustração de expectativas. Mesmo em crise, a normalidade prevalece.

Pelo menos no curto prazo, o “humor geral” da economia global encontra-se dentro de parâmetros situados na margem de alcance da previsibilidade, o que nos leva a projetar para 2014 um cenário global um pouco melhor. O mesmo podemos projetar para o Brasil, por razões óbvias de ser um ano que será pautado pela agenda política e pelo fato de as expectativas estarem contaminadas pelo fraco desempenho em 2013. Diferentemente deste ano, quando as expectativas que eram altas no seu início e foram frustradas rapidamente, em 2014, estas deverão começar o ano em patamares mais comedidos.

As expectativas têm peso considerável nos processos que envolvem principalmente decisões de investimentos privados. Enquanto frustrações em torno do que é esperado que aconteça inibem ou até eliminam investimentos, expectativas positivas funcionam na direção contrária e acionam “gatilhos” de investimentos.

O melhor dos mundos se apresenta quando a ancoragem dessas decisões são feitas com base em expectativas de longo prazo, o que infelizmente ainda não é o caso do Brasil, que para isso precisaria resolver questões estruturais em campos como o tributário, fiscal, político, trabalhista e também de infraestrutura e logística.

O ano de 2013 também poderá ser morno no Espírito Santo ou até mais frio do que no país, se tomarmos como base o lado da economia. Por força de suas características estruturais, temos uma economia muito sensível em relação à internacional. Quando o mercado internacional vai bem, crescemos mais que a média nacional. O contrário acontece quando as coisas não vão bem lá fora. E é o que está acontecendo neste ano. Nossas exportações, por exemplo, vêm mostrando queda. A média mensal do valor das exportações dos meses de janeiro a agosto de 2013 é menor do que as médias do mesmo período desde o

ano de 2010. Isso é explicado principalmente pela queda nas exportações do grupo de metálicos – minério de ferro e aço –, que tem um peso médio de 55% na pauta geral. Também caiu muito o valor das exportações de café, principalmente em função da baixa dos preços; algo em torno de 39% comparando-se o mesmo período de 2013 com 2012.

A evolução do PIB trimestral calculado pelo Instituto Jones do Santo Neves (IJSN) para os dois primeiros trimestres de 2013 não é animadora. Comparando-se o primeiro trimestre de 2013 com o mesmo trimestre de 2012, o PIB caiu 2,2% em termos nominais. No acumulado do ano, ou seja, computando-se os dois primeiros trimestres, enquanto o PIB nacional cresceu 2,6%, o do Espírito Santo teria encolhido 1,6%. São estimativas que poderão ou não ser confirmadas quando do cálculo definitivo do PIB pelo IBGE.

Mas, olhando para frente, as chances de o Espírito Santo apresentar um melhor desempenho econômico em 2014 podem ser consideradas altas levando-se em conta o histórico que intercala oscilações mais acentuadas – altos e baixos – do que para o país. Em 2009 o PIB capixaba caiu 6,7%, enquanto que o nacional caiu apenas 0,3%. No entanto, na retomada, enquanto o nacional cresceu 7,5% em 2010, o do Espírito Santo atingiu 13,8%, taxa somente registrada na década de 70. Em suma, não são esperadas surpresas, pelo menos na economia.

2013 também poderá ser considerado até mais frio do que no país, se tomarmos como base o lado da economia. Temos uma economia sensível em relação à internacional

MEIO AMBIENTE

Parceria vai agilizar 4 mil licenças

Meta é acelerar análises dos processos e zerar demanda até junho do próximo ano

✶ RITA BRIDI
@redgazeta.com.br

O estoque de pedidos de licenciamento ambiental no Instituto Estadual do Meio Ambiente (Iema) é de 4 mil processos, um número considerado muito alto e que resulta em longa demora na resposta para os empreendimentos. A meta do Iema é agilizar as análises da papelada e zerar o passivo até junho do próximo ano.

Para dar conta de pôr fim à montanha de processos, o Iema firmou ontem um acordo de cooperação técnica com a Fundação Coordenação de Projetos, Pesquisas e Estudos Tec-

nológicos (Coppetec), vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A assinatura do documento ocorreu no Palácio Anchieta, com a participação do governador Renato Casagrande.

A Coppetec é a maior entidade de engenharia da América Latina e tem vinculados a ela mais de 5 mil engenheiros analistas do Brasil e de vários países da América Latina. A experiência e o conhecimento desses profissionais em várias áreas darão agilidade e segurança ao trabalho dos técnicos do Iema, avalia seu presidente, Tarcísio Föeger.

O acordo prevê ações em vários setores do órgão. Uma delas é a capacitação dos funcionários para que tenham condições



THIAGO GUIMARÃES/SECOM

Reunião no palácio celebrou acordo entre Estado e a Coppetec, ligada à UFRJ

de trabalhar com mais agilidade. A outra medida é receber da equipe da Coppetec apoio à análise ambiental dos processos nas áreas em que os técnicos do Iema tiverem algum tipo de dificuldade.

“A competência do li-

cienciamento continua no Iema. O que muda é que teremos o apoio de uma entidade que reúne analistas com experiência em várias áreas e que vai enriquecer nosso trabalho”, enfatizou Föeger. O Iema tem cerca de 240 analistas

e auditores ambientais que se ocupam de toda a área de abrangência do instituto.

CARGA MUNICIPAL

Há cerca de um ano os pedidos de licenciamento ambiental acumulados so-

mavam 7 mil. Com o trabalho realizado nos últimos 12 meses, o número caiu para 4 mil, mas ainda é elevado. As razões para tanto processo acumulado são várias. Uma delas é que a legislação determina que toda atividade poluidora passe por licenciamento ambiental.

Outra causa é a carga de pedidos que os municípios despejam no Iema para o licenciamento de atividades consideradas simples. Até dois anos, somente oito cidades faziam o licenciamento de suas atividades; hoje são 21.

Para se ter ideia de como os pedidos de licenciamento de atividades de impacto local sobrecarregam o Iema basta dizer que o instituto, somente de postos de gasolina recebe cerca de 80 pedidos por ano.